DOI: https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i30.6333

ELEMENTOS CONSTRUTIVOS DA SEXUALIDADE FEMININA NA RELAÇÃO COM O PUDOR DO CORPO

Constructive elements of female sexuality in relationship with body modness

Maria Geiciane Silva de Souza[1]

RESUMO

A sexualidade feminina é um campo complexo e multifacetado, influenciado por uma variedade de fatores culturais, sociais e individuais. Entre os diversos elementos que moldam essa dimensão da vida das mulheres, o pudor em relação ao corpo desempenha um papel significativo. O pudor, muitas vezes associado a normas sociais e morais, pode afetar profundamente a maneira como as mulheres percebem e expressam sua sexualidade. Este artigo busca explorar os elementos construtivos da sexualidade feminina e sua inter-relação com o pudor do corpo, oferecendo uma análise abrangente e crítica sobre o tema.

Palavras-chave: Sexualidade feminina; Mulher; Pudor; Identidade; Sexo; Corpo; Feminino.

ABSTRACT

Female sexuality is a complex and multifaceted field, influenced by a variety of cultural, social and individual factors. Among the various elements that shape this dimension of women's lives, modesty in relation to the body plays a significant role. Shyness, often associated with social and moral norms, can profoundly affect the way women perceive and express their sexuality. This article seeks to explore the constructive elements of female sexuality and their interrelationship with body shame, offering a comprehensive and critical analysis of the topic.

Keywords: Female sexuality; Woman; Prudery; Identity; Sex; Body; Female.

[1] Graduanda em filosofia pela Universidade Federal do Piauí e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: souzasilvageici@gmail.com

UFPI cadernosdopet ISSN 2178-5880 FILOSOFIA

INTRODUÇÃO

As formas gerais da construção de noção do corpo feminino trabalhados desde a infância, passando pela adolescência e chegando a vida adulta normalmente segue um padrão pautado no pudor e adotado pela maior parte dos núcleos de diversas famílias, é claro, isso não é regra e há casos que não seguem essa linha conservadora, no entanto como essas se constituem minoria não será aqui o objeto de investigação. Voltando-se para a palavra regra, pretende-se trazer aqui os constructos e normas da sociedade que infligem a sexualidade da mulher investigando como elaboram-se padrões de comportamento e noções de sexo que podem modificar a relação com o próprio corpo e com o outro.

A sexualidade feminina pode ser compreendida como um conjunto de comportamentos, atitudes e percepções relacionadas ao desejo, prazer e identidade sexual das mulheres. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade é uma parte central do ser humano ao longo da vida, englobando sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.

O pudor, por sua vez, é frequentemente descrito como um sentimento de vergonha ou embaraço em relação a determinadas partes do corpo ou comportamentos considerados íntimos. Historicamente, o pudor tem sido associado a normas sociais e religiosas que regulam a expressão da sexualidade, particularmente das mulheres. De acordo com Foucault (1988), o pudor é uma forma de controle social que influencia como os indivíduos se comportam e se percebem em relação ao seu corpo e sua sexualidade.

A SEXUALIDADE FEMININA

A definição de sexualidade pode ser compreendida de diversas formas, indo do biológico para o físico e abrangendo o psicológico, para definirmos a sexualidade feminina temos que antes passar pela própria palavra sexualidade compreendida por si só em em várias significações. Na etimologia da palavra temos a sua origem do latim *sexus* que derivada do verbo *seco* pode ser compreendida como uma divisão do animal macho e um animal fêmea no sentido masculino de considerar virilidade fecundadora (Mentor,2019) por

UFPI cadernosdopet ISSN 2178-5880 FILOSOFIA

conseguinte a significação dada por diversos dicionários enfatiza, ainda que de formas diferentes, a palavra "divisão" conotando uma particularidade de gênero na gênese etimológica[2]. Como podemos observar, a impossibilidade de uma definição única para a sexualidade constitui um campo amplo de investigações, a depender de fatores culturais e das normatizações instauradas, e partindo de sexualidades femininas reprimidas buscaremos uma compreensão filosófica desta construção que perpassa uma determinada parcela de meninas e mulheres. Para isso faz-se também necessário o movimento de compreender a significação particular de feminino, que eventualmente atribuída a traços de uma característica terna, recatada, passiva, delicada e graciosa constitui em si uma palavra carregada de estigmas aplicando nas mulheres modos de ser por muitas vezes definitivos e limitantes, sendo o símbolo sexista de uma construção histórica da sociedade e perduram até os dias atuais. A construção da sexualidade se dá através da escola, família, igreja, instituições legais e médicas, sendo estas instâncias de extrema importância na construção da identidade do indivíduo. Conselhos e imposições são frequentemente interpelados pelo sujeito, sejam elas sobre saúde, comportamentos, religião, amor, dizendo o que é para preferir e o que é para se rejeitar, até mesmo quando recuar, influenciando tanto no modo de viver como no modo de ser. (Orso, S. S. B. da S., & Pumariega, Y. N.2022).

A sexualidade feminina, portanto, pode aqui ser entendida em termos de expressão e restrição, sendo um conjunto de fatores que abrange condições psicológicas (no âmbito dos desejos, prazeres, erotismos, identidade e etc..), socioculturais (a depender de classe e raça) e subjetivas que condicionam as atitudes e os modos de ser mulher. Deste cenário temos os modos de apresentação do sexo da mulher quase sempre carregados de um pudor que restringe as atitudes de seu ser sexual tanto consigo mesma tanto para com o outro, as práticas são veladas carregadas de uma ruborização facial ao mínimo sinal de uma conversa nessa temática, como veremos melhor no tópico a seguir.

[2] Pesquisar versões eletrônicas dos seguintes dicionários: Aurélio, Michaels, Cambridge e Oxford. (Mentor,2019).

UFPI cadernosdopet ISSN 2178-5880 FILOSOFIA

CONCEITO DE PUDOR E SUA RELAÇÃO COM O CORPO

Segundo o dicionário Houaiss, pudor significa sentimento de timidez ou vergonha relacionado a área da pudicícia, este substantivo provém do latim *pudoris*, que significa envergonhar-se, por extenso uma segunda definição da palavra pode ser: sentimento e atitude desenvolvidos por uma educação rígida calcada em conceitos culturais, geralmente de base religiosa, que impedem que certas partes do corpo sejam expostas com naturalidade, sem constrangimento. Esta característica é a definição por excelência do que pode ser considerada uma pessoa pudorosa, casta ou íntegra, ou seja, alguém que age de maneira recatada, com modéstia e que segue as regras estabelecidas para não sentir-se envergonhada ou sofrer repressões. Na sexualidade feminina a relação da mulher para com seu corpo em várias culturas é de pudor, sofrendo a estigmatização da feminilidade com o recorte sociocultural da sexualidade carregado de suas características próprias, por exemplo nas religiões ao redor do mundo pode-se notar uma preferência à castidade sendo uma regra inviolável a ser cumprida, em outras, um mero aconselhamento do caminho "certo" a seguir.

Foucault cunhou o termo polícia dos enunciados para definir o rigor de um vocabulário autorizado que controla as expressões que podem ou não serem ditas.

> Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva. (Foucault, 1984, p.20).

Podemos ver os diversos níveis de controle que o pudor exerce, uma mulher que cresce rodeada de um discurso da sexualidade que vela e reprime, encobre uma parte essencial de si se privando e sendo privada de auto conhecimento, importante ressaltar que ao falarmos de corpo estamos nos referindo a esfera física e comportamental que compõem a corporeidade e que dentro de um contexto histórico-cultural possui as suas marcas e seus jeitos de ser. Para melhor evidenciar a repressão da sexualidade feminina podemos fazer

UFPI cadernosdopet ISSN 2178-5880 FILOSOFIA

uma breve analogia aos cinco sentidos do corpo humano que são responsáveis por receber e interpretar informações que nos fazem interagir com o meio social, para a visão visão temos o não ver constituindo um não olhar para si e nem para o outro, para o tato temos o não tocar onde qualquer tipo de masturbação feminina deve ser expurgada, para audição temos o não ouça onde os discursos relacionados ao sexo podem ser considerados obscenidades, para o paladar que através da boca experimenta, interpreta-se aqui a fala que é tolhida de certos vocabulários e proibições quando o assunto é sexualidade.

EDUCAÇÃO E CRIAÇÃO FAMILIAR: O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES

Nos âmbitos que constituem a sociedade temos as instituições que exercem o seu papel e influências, a nós aqui irá interessar apenas três delas: a família e a escola. A primeira e mais duradoura é a família que exerce a função primária de constituição do ser e formação de pensamento, ela possui um papel fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano, que por sua vez é um processo em constante transformação, sendo multideterminado por fatores do próprio indivíduo e por aspectos mais amplos do contexto social no qual estão inseridos (Dessen & Braz, 2005). Tanto para o menino quanto para menina desde cedo lhe são colocadas ensinamentos e regras a respeito do seu corpo, como deverá ser seu comportamento e o que podem conhecer, nas meninas é claro acentua-se um pouco mais de pudor em virtude do patriarcado e machismo estrutural que pré definem os papeis que ambos exercerão na sociedade (Plan Internacional, 2021), os diversos núcleos familiares controlam esses graus de ensinamento e na maioria desses núcleos o que se observa é a conservação do saber sexual reservado aos adultos.

> O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos (Foucault, 1988, p.08).

UFPI cadernosdopet ISSN 2178-5880 FILOSOFIA

A partir da criação da família e atingindo a idade necessária para entrar na escola a menina que de seu ambiente familiar já vem com uma visão pré concebida entra em contato com a segunda instituição mais influente de sua vida, a escola, que vai moldar seus saberes e desenvolver as relações sociais. É na escola que se cria contato, e se conhece outras formas de ver o mundo, se no espaço familiar comumente é mínimo a exploração da sexualidade em termos de fala e encorajamento/naturalização do saber, na escola poderá surgir um primeiro ambiente de contato com a pauta da sexualidade, embora também carregada de estigmas e concepções patriarcais. Não vamos concluir, portanto, que este é um lugar fora da dominação do discurso sexual onde o sexo não é velado, muito pelo contrario o dispositivo sexual permeia todas as instituições das quais aqui trato, porém de uma fonte que difere a dos pais e sobre um novo ponto de vista reside um contato de saber sexual que igualmente vai influenciar a pessoa do sexo feminino em seus estágios de vida na escola.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

As formas de se ver e de se perceber no meio social no qual é inserida vem da soma de tudo o que é ensinado à mulher durante toda sua vida, somos produtos da sociedade em que vivemos, as representações do normal ao condenável constrói a identidade feminina.

> Ensinamos as meninas a sentir vergonha. "Fecha as pernas, olha o decote." Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. (Adichie,2014)

A autopercepção como mulher entendida da sua sexualidade é muito importante para as relações sociais que se constroem e as vivência neste meio, saber a constituição do seu sexo as limitações impostas e como lidar com isso ajuda a desenvolver independência ao desvencilhar-se de conhecimentos pré concebidos em suma maioria sexistas e patriarcais, lidar com naturalidade frente as manifestações sexuais de seu corpo no âmbito dos desejos e prazeres e a própria anatomia sem velar o autoconhecimento do genital

UFPI cadernosdopet ISSN 2178-5880 FILOSOFIA

feminino, entender a barreira que policia os discursos sobre o sexo e permeia cada instituição ao seu modo, cada um desses aspectos influenciam no entendimento de si que implica diretamente na relação com o outro.

CONCLUSÃO

A análise revela uma complexa teia de influências culturais, sociais e individuais. O pudor, enquanto um mecanismo social de controle, desempenha um papel crucial na forma como as mulheres vivenciam e expressam sua sexualidade. Compreender essas dinâmicas é essencial para promover uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, onde a sexualidade feminina possa ser vivida de forma mais autêntica. Aprofundar a investigação sobre como essas relações se manifestam em diferentes contextos culturais e como podem ser desafiadas para promover maior autonomia e bem-estar para as mulheres é um movimento necessário para entendermos cada vez mais a sexualidade feminina, desta forma podemos observar constituição e entraves e o conhecimento da sexualidade e dos benefícios que isto traz para muito além do que apenas a comunidade feminina.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Editora Schwarcz S. A, 2014.

BRAZ, M. P., DESSEN, M. A., & Silva, N. L. P. **Relações Conjugais e Parentais: Uma Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média**. Brasília: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, 18(2), pp.151-161.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. 13º Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HOUAISS, **Dicionário de Português Online**. Disponível em: <Houaiss na UOL> Acesso em: 18 Nov. 2024.

LIMA DE OLIVEIRA, E. *et al*. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, *[S. l.]*, v. 26, n. 1, p. 303–314, 2018. DOI: 10.22478/ufpb. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320.> Acesso em: 23 jul. 2024.

MENTOR, Pedro Farias. Há Filosofia(s) da(s) Sexualidade(s)?. **Revista Alamedas**, Unioeste. Paraná: Vol. 7, n.2, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde Sexual, Direitos Humanos e a Lei**. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

PLAN INTERNACIONAL. **Relatório Por Ser Menina**. São Paulo: Plan Internacional, 2021. 112p.
SARA, Savana; NUNEZ, Yesica. A Importância da Educação Sexual na Construção da Sexualidade Feminina. **Revista Científica da Faculdade de Educação do Meio Ambiente: Faema**. Rondônia: Out, 2022.
VESCHI, Benjamin. **Etimologia de Pudor.** 2020. Acesso em: 22/07/24.<Etimologia de Pudor – Origem do Conceito>